

CAMINHANDO

Cleber Cardoso Xavier
UnB

Anelise Vieira dos Santos Witt
UnB

André Luis César Ramos
UnB

ISSN 2316-6479

Resumo expandido

O estêncil, enquanto visualidade urbana, comumente encontrada em grandes centros urbanos, é tida como uma forma de expressão da contracultura por abordar questões políticas e sociais. Na cidade de Brasília o estêncil tem se propagado cada vez mais, levantando questionamentos quanto à manutenção do patrimônio público ou privado quanto à sua aplicação, quase sempre sem consentimento.

Pensar o espaço urbano como única possibilidade de suporte a esta manifestação artística é reducionista. Portanto, após aplicações de estêncil em Brasília, nos propomos fazer estêncil sem a depredação patrimonial e poluição visual. Concebemos uma intervenção urbana com finalidade de produção de estêncil digital, partindo da interação com o espaço urbano e com o público nele presente, com a captura de imagens que são utilizadas como matéria prima ao produto resultante desta intervenção, fazendo uso de tecnologias de informação.

Por meio de intervenção urbana, propõe-se que o espectador seja parte integrante da visualidade, tendo sua imagem, suas reações e seu universo espaço/temporal capturado e transportado para uma visualidade que será construída a partir do seu existir e seu estar. Enquanto a intervenção urbana é executada, capturando as imagens, as pessoas que estão ali presentes percebem a ação e reagem espontaneamente, mudando seu caminho ou atitudes.

Neste trabalho, o foco é o caminhar e o caminho construído. Foram utilizadas imagens do público que estava em postura de movimento, independente de gênero ou outro parâmetro classificatório. A provocação desta visualidade escolhida bem como do percurso efetuado durante a intervenção, buscam ambos contemplar a *hashtag* #meucaminhoeumesmofaco aplicada a imagens do Aplicativo *Instagram* (IG). O universo instagraniano como ambiente social e espaço de divulgação e compartilhamento de visualidades e perspectivas pessoais também funcionam como suporte para as visualidades construídas em nossas intervenções urbanas.

A estrutura do vídeo é composta dos registros coletados durante a intervenção, dos quais se escolhe as imagens que serão quadros chave ou formas de suporte para a aplicação do estêncil. Todos os registros captados durante a intervenção são aplicados em sequência de *stop motion* na máscara escolhida. Possibilitando assim ao espectador perceber a temporalidade das imagens registradas em formato fotográfico, frame a frame, e não em formato de vídeo.

O dispositivo de captura utilizado foi um celular. E o aplicativo utilizado foi a câmera deste celular que era disparada sem nenhum efeito ou aplicação, como disparo múltiplo. Assim as imagens foram capturadas a partir de cliques no botão capturar, durante a intervenção, posicionando o celular em frente ao peito com os braços ligeiramente estendidos e provocando no espectador/público a nítida sensação de captura e enfrentamento.

Pensar a manutenção do patrimônio em relação ao uso de estêncil digital e a devolução da visualidade resultante de nossas intervenções ao transeunte/cidadão/público como também a construção de memória e resquícios de intervenções urbanas faz parte do nosso universo de pesquisas atuais, como também questionamos novas propostas de estêncil e construção de visualidades.

Palavras chave: estêncil digital, arte urbana, patrimônio, memória, #meucaminhoeumesmofaco.

Referência bibliográfica

BANKSY. Wall and piece. Londres: Random House, 2005.

KELLNER, Douglas. Cultura da Mídia. Bauru: Edusc, 2001.

MCKENNA, Paul. BANKSY: guerra e spray. São Paulo: Intrínseca Editora, 2012.

RANGEL, Clarice; GOÉS, Jéssica; FRADE, Isabela Nascimento. BEUYS E BANKSY: arte como vivência política do espaço público IN Anais do 22º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas: Ecossistemas Estéticos (Afonso Medeiros & Idanise Hamoy - Orgs.). Belém: ANPAP, PPGARTES/ICA/UFGPA, 2013.

Minicurrículos

Cleber Cardoso Xavier - Doutorando em Arte na Universidade de Brasília, onde desenvolve pesquisa sobre as Escolas Parque brasileiras, sob orientação da Dra. Thérèse Hofmann. Docente

da rede pública de ensino do Distrito Federal desde 2009. Autor do livro Brasíliax5: 50 anos de artes visuais em Brasília, que resgata a memória dos espaços de artes visuais nos primeiros 50 anos da capital brasileira. Como fotógrafo já expôs em diversas cidades brasileiras.

Anelise Vieira dos Santos Witt - Doutoranda com bolsa Capes em Arte e Tecnologia na Universidade de Brasília, integra o Laboratório de Pesquisa em Arte Computacional - Mídia Lab/ UnB e o Laboratório de Pesquisa em Arte e Tecnologia - LabART/ UFSM. Mestre em Arte e Tecnologia pela Universidade Federal de Santa Maria e bacharel em Artes Visuais/ UFSM.

André Luís César Ramos - Doutorando em Arte e Tecnologia, mestre em Educação e bacharel em Design pela UnB, professor, desde 2004, na pós-graduação lato sensu e na graduação em Jornalismo, Publicidade e Design do UniCEUB. Consultor (PNUD) no Ministério da Justiça, atua em projeto de identidade e história da Secretaria de Reforma do Judiciário. Elaborou o curso técnico de Design Gráfico do Senac-DF.